

A indústria brasileira e o cenário econômico atual: evolução e perspectivas

Marco Aurélio Arbex¹

RESUMO

O presente artigo aborda o atual cenário econômico brasileiro e as perspectivas para indústria frente a esse contexto. O artigo mostra que a indústria brasileira ainda não atingiu seu potencial frente ao parque industrial de outros países, demonstrando até um certo atraso no processo de *catching up*. Por outro lado, o cenário econômico atual se mostra em início de recuperação pós crise de 2014/2016, com indicadores econômicos favoráveis e um ambiente reformista que pode se mostrar favorável ao crescimento industrial.

Palavras-chave: Cenário econômico, Indústria, Indicadores econômicos.

Brazilian industry and the current economic scenario: evolution and perspectives

ABSTRACT

The present article deals with the current economic scenario and the perspectives for industry in this context. The article shows that Brazilian industry has not yet reached its potential against the industrial park of other countries, demonstrating until a certain delay in the catching up process. On the other hand, the current economic scenario is beginning to recover after the 2014/2016 crisis, with favorable economic indicators and a reformist environment that may be favorable to industrial growth.

Key words: Economic scenary, Industry, Economic Indicators.

¹ Economista e Mestre em Administração. Professor da Faculdade de Tecnologia Senai Londrina. Marco.arbex@sistemafiep.org.br

1 INTRODUÇÃO

Mesmo sendo o Brasil um país essencialmente agrícola, a indústria sempre esteve fortemente presente no desenvolvimento do país. E não poderia ser diferente, dada a dimensão continental do Brasil, sua ótima localização geográfica e o protagonismo que possui na América do Sul.

No entanto, a indústria brasileira parece não ter se desenvolvido tanto quanto poderia. Para ilustrar isso, basta observar o baixo grau de internacionalização das marcas brasileiras, o baixo grau de aquisições de indústrias estrangeiras por brasileiras e a modesta participação brasileira na corrente de comércio internacional ao longo dos anos.

Analistas têm notado que a indústria brasileira tem passado por maus momentos ao longo dos últimos anos, chegando até mesmo a sugerir a existência de um processo de desindustrialização no país.

No entanto, a partir de 2019, parece que um novo cenário está se configurando, puxado pelo início da recuperação econômica no Brasil após a crise de 2014, pelo movimento reformista/desestatizante do atual governo e pela inédita perspectiva de juros baixos por um longo período.

Nesse contexto, o presente artigo busca refletir sobre o futuro da indústria brasileira, buscando identificar sinais que mostrem os caminhos atuais e perspectivas.

2 A INDÚSTRIA BRASILEIRA NA ÚLTIMA DÉCADA

Segundo Sarti e Hiratuka (2017), o período compreendido entre 2014 a 2016 foi responsável pelo pior desempenho histórico da indústria brasileira (superando até o período de 2008/2009, quando ocorreu a crise internacional desencadeada pela crise imobiliária norte-americana).

Nesse período, em que o Produto Industrial voltou ao mesmo nível observado no início do Governo Lula, “esse desempenho negativo reforçou os argumentos favoráveis à existência de um processo de desindustrialização precoce, que teria se iniciado nos anos

1980, aprofundado nos 1990 e se agravado na primeira década do milênio atual e na presente década” (SARTI; HIRATUKA, 2017, p.1).

Nas últimas décadas observou-se que:

“o processo de internacionalização financeira, produtiva e comercial [...] provocou a adoção de estratégias corporativas de desverticalização, terceirização e fragmentação do processo produtivo e o deslocamento de parte da produção industrial dos países avançados em direção a algumas regiões periféricas, especialmente para o sudeste asiático” (SARTI; HIRATUKA, 2017, p.3).

O resultado desse processo foi a construção de redes tanto globais quanto regionalizadas de produção industrial. Porém, esse processo foi assimétrico: “enquanto algumas economias conseguiram uma inserção virtuosa (Coreia do Sul, China, Taiwan e Índia), outras economias mantem uma inserção subordinada (países latino-americanos e do leste europeu)” (SARTI; HIRATUKA, 2017, p.3)

Nesse sentido, Bresser-Pereira, Nassif e Feijó (2016) argumentam que ao longo das últimas décadas o Brasil conseguiu promover sua industrialização, sem, no entanto, conseguir finalizar o seu processo de *catching up*.

Catching up (ou convergência) é o processo pelo qual a riqueza acumulada de economias menos desenvolvidas converge para o nível de riqueza acumulada de economias mais desenvolvidas. “Isso ocorre uma vez que os países atrasados podem explorar os conhecimentos já consolidados pelos países líderes, desenvolvendo o país com a introdução de novas técnicas que não estão na fronteira do conhecimento” (ESTEVES, PORCILE, 2011, p2).

Naturalmente, o processo de convergência ocorre porque determinada evolução tecnológica nas economias mais ricas passa a crescer a taxas marginais decrescentes após atingir certo grau de maturidade, abrindo espaço para o processo de *catching up*.

Bresser-Pereira, Nassif e Feijó (2016 p.1) argumentam que o processo de convergência não se concretizou devido, principalmente, à desindustrialização prematura que se iniciou ainda na metade da década de 1980, mas se intensificou a partir da década de 2000, conforme já mencionado neste texto.

Nos últimos anos, especialmente, os setores industriais brasileiros perderam rentabilidade. Os principais motivos, segundo Sarti e Hiratuka (2017), foram:

- Maior competição com produtos importados;
- Queda dos preços de bens industriais;

- Elevação das despesas financeiras devido ao alto grau de endividamento das empresas (principalmente das empresas com endividamento em dólar) e das altas taxas de juros;
- Expectativas negativas com relação à demanda e rentabilidade futura (com impacto negativos sobre as decisões de investimentos pelos empresários)

O resultado desse processo foi a desnacionalização da indústria brasileira, como destacam Sarti e Hiratuka (2017). Esse fato é evidenciado através dos dados de 2016 da consultoria KPMG, que das operações de fusão e aquisição envolvendo empresas brasileiras e estrangeiras, 60% do total dessas operações entre 2011 e 2015 foram de empresas estrangeiras adquirindo empresas brasileiras no Brasil (total de 1.380 operações no período). As aquisições de empresas estrangeiras por empresas brasileiras no exterior representaram 10,4% do total dessas (total de 240 transações no período); e as aquisições de empresas estrangeiras por empresas brasileiras dentro do Brasil representaram 6,8% das transações (156 transações no período).

O resultado do processo de desnacionalização foi o aprofundamento da especialização regressiva da estrutura produtiva e de exportação acompanhada da elevação do conteúdo e coeficiente importados, sem a contrapartida de um aumento proporcional do coeficiente exportado manufatureiro e o que é pior, dos investimentos industriais. Nesse sentido, o Brasil apresenta um padrão assimétrico e subordinado de inserção externa (SARTI; HIRATUKA (2017, p.28).

Bresser-Pereira, Nassif e Feijó (2016 p.1), ao argumentar sobre a política industrial brasileira, observam que “é preciso perseguir estratégias de diversificação produtiva”. Isso deveria se dar através da identificação de prioridades estratégicas “tanto nas cadeias produtivas, segmentos e setores próximos à base de vantagem comparativa preexistente, como naqueles mais próximos à fronteira tecnológica internacional”.

Os mesmos autores observam quem, para promover a reindustrialização do país é preciso, além de adotar políticas industriais e tecnológicas consistentes, articulá-las com as políticas macroeconômicas, entendidas como:

a adoção e implementação de políticas monetária, fiscal, cambial e salarial consistentes, cujo objetivo é não somente manter a estabilidade de preços, como também permitir que a economia, em vez de seguir trajetórias do tipo stop and go – como tem sido o caso do Brasil nos últimos 35 anos - consiga realizar seu potencial de crescimento econômico de forma sustentável (BRESSER-PEREIRA, NASSIF; FEIJÓ, 2016 p.3).

A recuperação da indústria passa pelo crescimento da demanda. E o crescimento da demanda depende da redução do endividamento das famílias e pelo aumento da confiança do consumidor na economia.

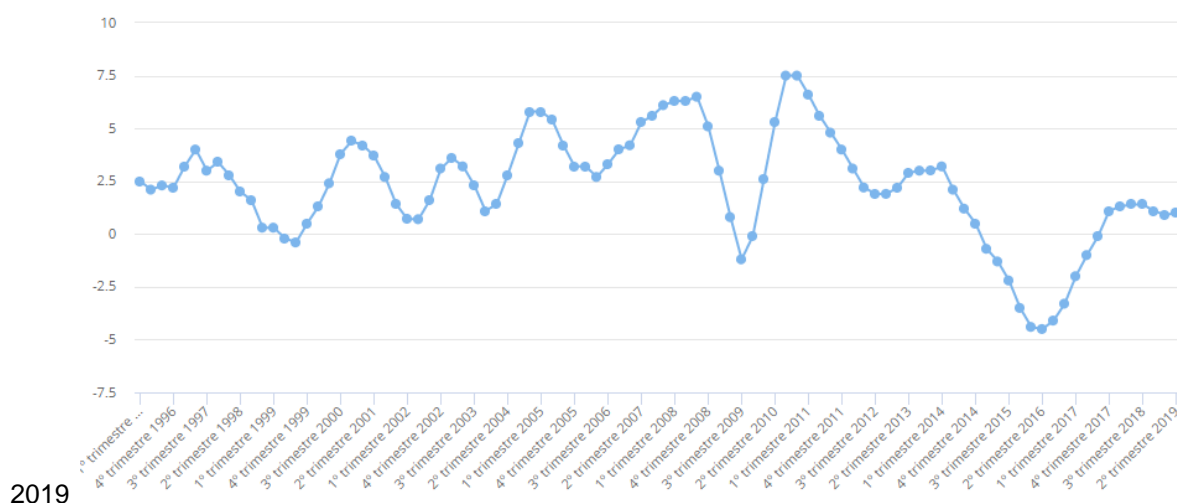
Em 2019 tem início no Brasil, de forma ainda tímida, um processo de recuperação econômica. A próxima seção irá discutir esse processo de retomada e as perspectivas para a indústria.

3 A RETOMADA DO CRESCIMENTO E O FUTURO DA INDÚSTRIA

Inicialmente, a análise parte do processo de recuperação econômica atual. A figura 1 mostra a taxa acumulada de crescimento do PIB do primeiro bimestre de 1996 ao segundo trimestre de 2019. O PIB representa a riqueza criada no país e é apenas o reflexo da combinação entre consumo, investimentos, gastos públicos e exportações líquidas (VASCONCELLOS; GARCIA, 2008).

É possível observar que a partir de 2014, o Brasil apresentou a maior crise econômica das últimas duas décadas, sendo que após a crise de 2014-2016, o Brasil apresentou “voos de galinha” (esboço de recuperação econômica, mas sem “decolar”). A partir de 2019, espera-se uma recuperação econômica mais sólida. Para 2020, o Boletim Focus do Banco Central estima crescimento do PIB de 2,5%.

Figura 1 - PIB a preços de mercado (taxa trimestral acumulada - 1º trimestre 1996 a 2º trimestre

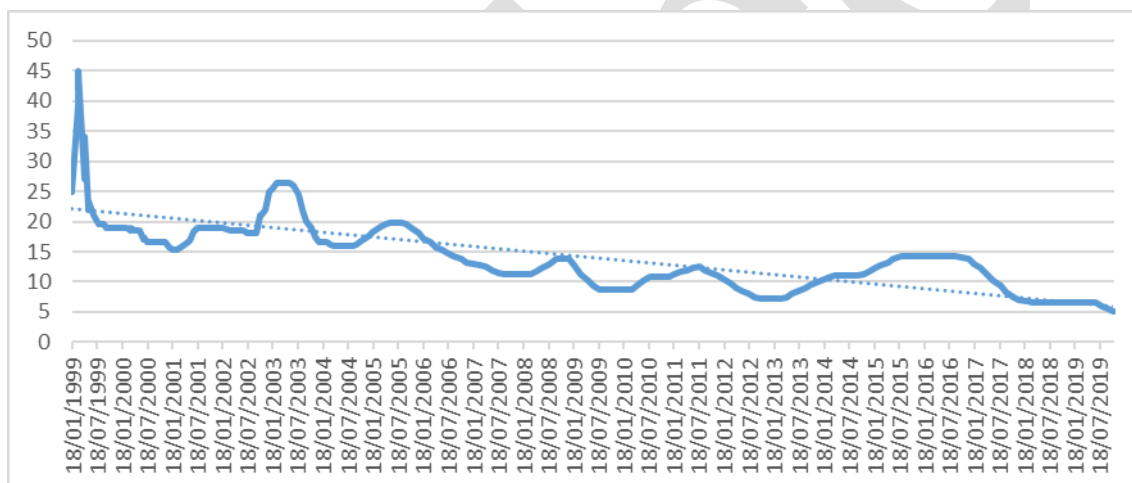


Fonte: IBGE (2019)

O resultado do PIB está intimamente ligado a queda das taxas de juros. A taxa SELIC é a taxa de juros básica da economia. A partir desta, as demais taxas (financiamentos, crédito ao consumidor) são formadas (VASCONCELLOS; GARCIA, 2008). A figura 2 mostra a evolução da taxa Selic nos últimos 20 anos. A tendência de queda é clara. A taxa Selic baixa, entre outros benefícios, reduz o custo de capital das empresas, o que estimula o crédito e a geração do emprego.

Atualmente em 5% ano, o Brasil tem a taxa Selic mais baixa da história (não esquecendo que no final dos anos 90 a Selic chegou a quase 50% ao ano). Estima-se que Selic feche 2019 a 4,5% ao ano e que os juros continuem abaixo dos 5% em 2020 (BCB, 2019).

Figura 2 – Evolução da taxa SELIC (2009 – 2019)



Fonte: Elaborado a partir de IPEADATA (2019)

É interessante notar que esse movimento de queda dos juros parece ser global. Em 2019, o Japão e boa parte da Europa passou a ter juros negativos (remuneração negativa dos investimentos em títulos públicos federais) (TAKAR, 2019)

A ideia por trás dos juros negativos é o estímulo ao consumo e, conseqüentemente, aos investimentos pelas empresas e novos produtos e negócios.

De acordo com Mankiw (2013), quando há juros baixos e liquidez na economia, existem pressões inflacionárias (uma vez que juros baixos estimulam o consumo que, por sua vez, gera pressão para que os preços se elevem. No entanto, esse movimento não está acontecendo.

Isso se deve a fatores como envelhecimento da população (menor consumo), alto endividamento das famílias, democratização e conseqüente redução do custo da tecnologia e “efeito China” (custo de produção muito baixo).

No Brasil, especificamente, soma-se a esses fatores, a expectativa de recuperação econômica com a linha de atuação da equipe econômica do governo federal. Além da Reforma da Previdência (promulgada no Senado em novembro de 2019) e do início das discussões sobre uma possível reforma tributária, as principais medidas iniciadas em 2019 buscam atacar problemas como: indexação do orçamento, ineficiência na alocação de recursos, baixa flexibilidade da folha de pagamentos (Economia XP, 2019).

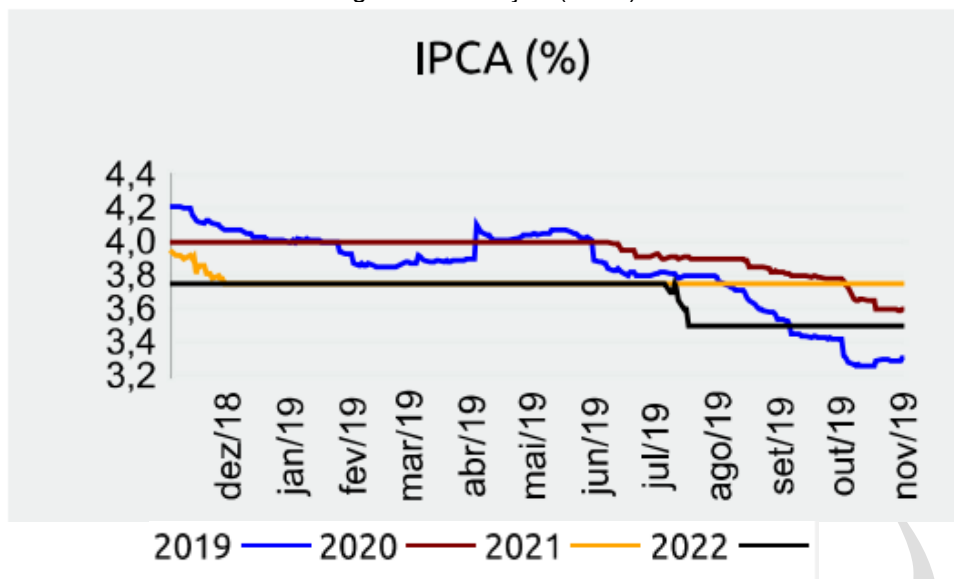
O conjunto de medidas de ajuste publicadas em novembro de 2019 foi chamado de “Plano Mais Brasil” e envolve três grandes frentes: Pacto Federativo, Emergencial e Fundos. Sem entrar nos detalhes de cada uma dessas medidas, tem-se como foco o equacionamento dos problemas de fluxo e rigidez do orçamento e a desvinculação/extinção dos Fundos setoriais visando reduzir a dívida bruta do Estado.

Naturalmente, são medidas ainda não implementadas e, na visão da Economia XP (2010), pouco claras tecnicamente, quanto à economia que será gerada pelas medidas. Análise também da Economia XP (2019) sugere que, ao tentar implementar medidas tão abrangentes de uma só vez pode gerar incerteza no ambiente político/econômico além de potencialmente gerar uma disputa por protagonismo entre Câmara e Senado. De qualquer maneira, considerando que os agentes econômicos são movidos por expectativas (MANKIWI, 2013), está sendo traçado um cenário no Brasil em que as expectativas no âmbito econômico estão se mostrando favoráveis a recuperação e retomada do crescimento.

As figuras 3, 4, 5, 6 e 7 mostram dados do boletim Focus de novembro de 2019 (BCB, 2019) sobre expectativas para a economia brasileira.

A figura 3 mostra clara projeção de queda para o IPCA. Interessante notar que ao longo dos últimos meses a tendência de queda se acentuou (muito provavelmente impulsionado pelas quedas na taxa Selic). A projeção é IPCA na casa dos 3,5% nos próximos anos.

Figura 3 – Inflação (IPCA)

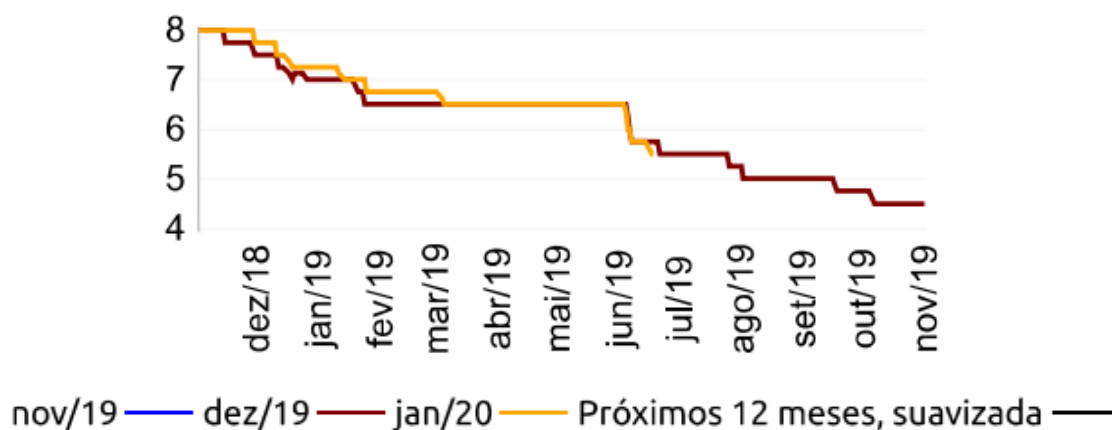


Fonte: Boletim Focus (BCB, 2019)

Conforme mencionado, a tendência de queda na SELIC é clara. O Boletim Focus (BCB, 2019), projeta SELIC a 4,5% ao final de 2019.

Figura 4 – Taxa Selic (meta)

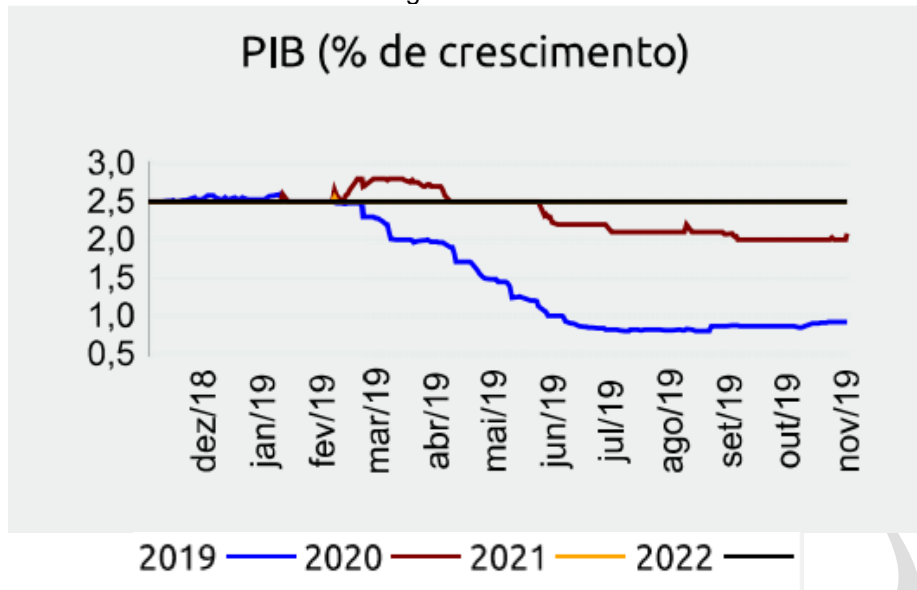
Meta Taxa Selic (% a.a.)



Fonte: Boletim Focus (BCB, 2019)

Ainda como efeito da queda da SELIC, associado ao movimento reformista do atual governo, a projeção do PIB tem melhorado, de forma que espera-se PIB na casa dos 2,17% em 2020 e 2,5% em 2021 e 2022 (figura 5).

Figura 5 – PIB

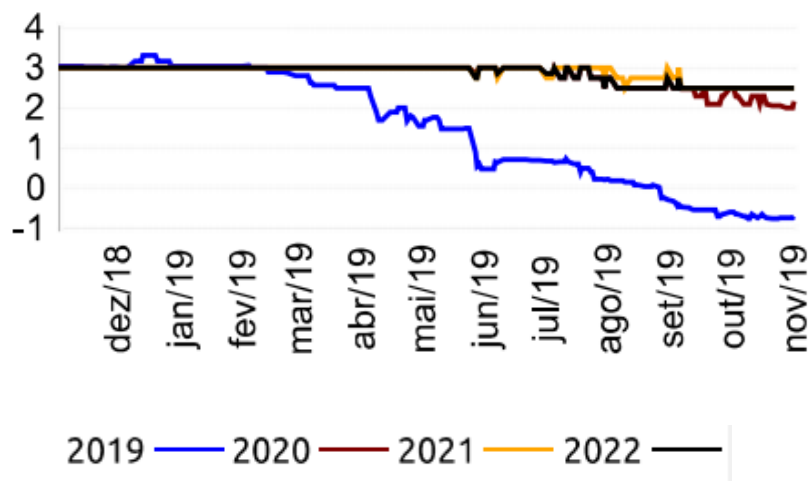


Fonte: Boletim Focus (BCB, 2019)

A produção industrial (figura 6) segue a mesma linha do PIB: crescimento a partir dos próximos anos (2,3% em 2020 e 2,5% em 2021 e 2022).

Figura 6 – Produção industrial

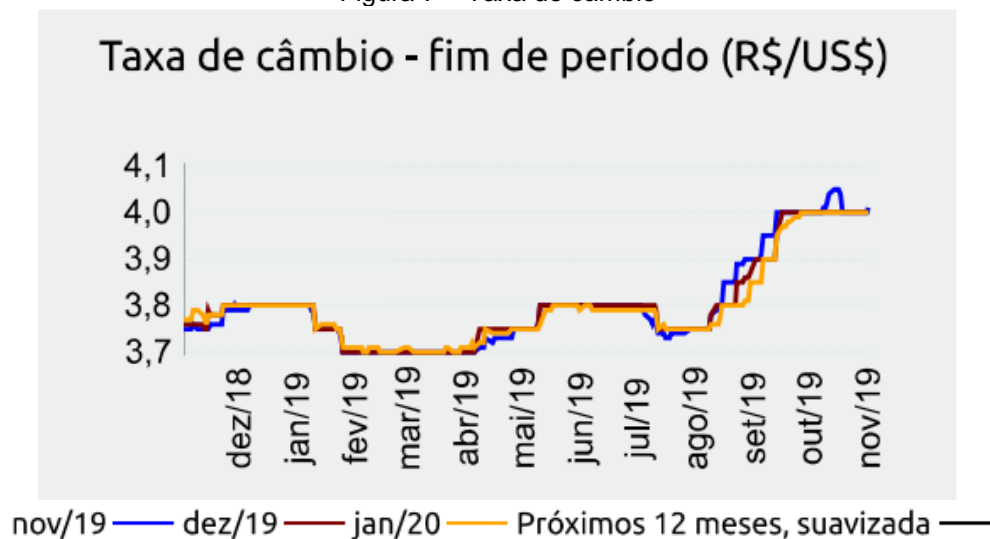
Produção Industrial (% de crescimento)



Fonte: Boletim Focus (BCB, 2019)

Por fim, a figura 8 mostra a taxa de câmbio (indicador significativo para a indústria. O Boletim Focus projeta câmbio a R\$4,00 por dólar até 2022.

Figura 7 – Taxa de câmbio



Fonte: Boletim Focus (BCB, 2019)

Embora a expectativa futura seja favorável, a recuperação deve demorar, como demonstra a InfoMoney (RIZÉRIO, 2019 s/p)

“No futuro, esperamos que o setor industrial se beneficie da recuperação econômica projetada, impulsionada por baixas taxas de juros reais, queda dos juros, aumento da confiança dos negócios e expectativa de aumento dos investimentos. Contudo, ele continuará enfrentando ventos contrários com a atividade em declínio na Argentina e um peso fraco (vale destacar que o mercado do país vizinho é essencial para as exportações brasileiras de manufaturados)”, aponta o Goldman Sachs em relatório. O Bradesco também avalia não ver recuperação no curto prazo para a atividade”

Além disso, Duque (2019) mostra que o Brasil está bem aquém dos países mais automatizados (em densidade de robôs por milhão de trabalhadores): enquanto aqui existem menos de 200 robôs por milhão de trabalhadores, nos cinco países mais automatizados, essa média é de 6 mil. Interessante notar que a média do resto do mundo é de 400 robôs por milhão de trabalhadores). “Como se fosse possível piorar ainda mais, estamos ficando para trás, crescendo linearmente, enquanto todos os outros países crescem exponencialmente” (DUQUE, 2019, s/p).

Além da gestão pouco profissionalizada em algumas indústrias, o autor ainda destaca que é necessário se livrar de uma cultura paternalista/retrógrada que acaba limitando a entrada de inovações disruptivas. Sem essa evolução, o Brasil ficaria sempre à margem do estado da arte da indústria classe mundial.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O momento econômico pelo qual passa o Brasil é inédito na história. A taxa de juros básica da economia está no patamar mais baixo da série histórica e em tendência de queda. Como o ser humano é movido por estímulos, os juros baixos sinalizam que os investimentos rentistas (lê-se poupança e renda fixa geral) estão gerando menos rentabilidade ao investidor, que precisa mudar o seu foco e voltar o olhar para o setor produtivo (seja através de investimentos em Bolsa e Fundos imobiliários, por exemplo) ou seja através de um processo empreendedor.

A indústria, como grande geradora de empregos, se beneficia diretamente desse movimento, uma vez que por trás de qualquer atividade produtiva (desde um pequeno varejo, passando pelo setor imobiliário e agronegócio, por exemplo), tem a indústria como plano de fundo (seja na fabricação de produtos finais, matérias-primas, instalações e insumos em geral).

Em síntese, a possibilidade de juros baixos por mais tempo no Brasil associada a um ambiente reformista tende, com o tempo, a estimular o emprego e conseqüentemente o consumo, que por sua vez estimula os investimentos em última análise, a indústria como um todo.

No entanto, precisamos ainda avançar significativamente no uso das tecnologias de ponta disponíveis para a indústria visando diminuir o hiato produtivo e tecnológico existente entre o Brasil e as economias mais desenvolvidas

Para trabalhos futuros sobre esta temática, sugere-se acompanhar os efeitos desse novo cenário econômico, visando desenvolver mais subsídios para analisar os gatilhos e relações estímulo/resposta sobre a indústria.

REFERÊNCIAS

BCB - Banco Central do Brasil. **Boletim Focus**, nov. 2019. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>. Acesso em 14/11/2019.

DUQUE, Daniel. **Nossa indústria tem futuro?** Infomoney, março 2019. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/livres/nossa-industria-tem-futuro/>. Acesso em 13/11/2019.

ECONOMIA XP. Governo anuncia o “Plano mais Brasil” dividido em três PECs: Pacto Federativo, Emergencial e Fundos. Disponível em: <https://conteudos.xpi.com.br/economia/relatorios/governo-anuncia-o-plano-mais-brasil-dividido-em-tres-pecs-pacto-federativo-emergencial-e-fundos/>. Acesso em 14/11/19.

ESTEVES, Luis Eduardo ; PORCILE, Gabriel. Determinantes do catching-up: um modelo dinâmico. Encontro Nacional de Economia. XXXVIII. **Anais....** Salvador, 2011.

IPEADATA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Taxa de juros - Selic - fixada pelo Comitê de Política Monetária (Copom)**. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br/>. Acesso em 10/11/2019.

IBGE - Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – SCNT. Séries históricas. **PIB a preços de mercado** - Taxa acumulada em 4 trimestres (%), 1º trimestre 1996 - 2º trimestre 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?=&t=series-historicas#evolucao-taxa>. Acesso em 14/11/2019.

MANKIW, N. Gregory. **Introdução à Economia**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

RIZÉRIO, Lara. **Após boa surpresa no PIB do 2º tri, indústria volta a decepcionar e esfria expectativa de recuperação**. Infomoney, set. 19. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/apos-boa-surpresa-no-pib-do-2o-tri-industria-volta-a-decepcionar-e-esfria-expectativa-de-recuperacao/>. Acesso em 13/11/2019.

TAKAR, Teo. Juro negativo: na Europa e Japão, a pessoa paga para investir. Por quê? Dispo <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/01/como-e-investir-em-paises-com-juros-negativos.htm>